



REDE
TEMPO
BRASIL



Boletim do Tempo Presente - ISSN 1981-3384

Histórias que não se apagam: a propagação de experiências individuais na Internet em prol de lutas coletivas

Daniel Monnerat Rodrigues da Silva

Resumo: Este artigo discute o papel da Internet nos movimentos sociais do início do século XXI, tendo como base os levantes nos países árabes ocorridos entre 2010 e 2011. Com esse intuito, é feita uma análise de blogues, sites jornalísticos e comunidades em redes sociais dedicadas a vítimas da repressão das forças de segurança no Egito e na Tunísia, onde as manifestações populares causaram as quedas dos ditadores tunisiano, Zine Abidine Ben Ali, e egípcio, Hosni Mubarak. Tais plataformas teriam sido usadas para conscientizar cidadãos de todo o mundo para os abusos cometidos por regimes tirânicos e para convocar mobilizações.

Palavras-chave: Internet, protestos, comunicação, repressão

Stories that cannot be erased: the propagation of individual experiences on the Internet in favor of collective struggles

Abstract: This article discusses the role of the Internet in the social movements of the beginning of the 21st century, based on the uprisings in arab countries between 2010 and 2011. The objective is make an analysis of blogs, journalistic sites and communities on the social networks dedicated to victims of the repression of security forces in Egypt and Tunisia, where popular demonstrations caused the downfalls of the tunisian dictator, Zine Abidine Ben Ali, and his egyptian counterpart, Hosni Mubarak. Such platforms would have been used to aware citizens from all over the world of the abuses committed by tyrannical regimes and to call for mobilizations.

Key words: Internet, protests, communication, repression

Símbolos de resistência

Em junho de 1989, enquanto milhares de pessoas saíam às ruas de Pequim para exigir reformas democráticas e o combate à corrupção no governo chinês, um indivíduo decidiu desafiar sozinho uma coluna de tanques de guerra usados na repressão brutal aos manifestantes. Um vídeo captado por uma equipe da rede norte-americana CNN posicionada em um hotel próximo à Praça Tiananmen, epicentro dos protestos, exhibe o momento em que o homem tenta impedir a progressão dos veículos blindados.¹ A sequência tem quase três minutos. Os tanques tentam desviar. Mas ele insiste em bloquear o caminho. O vídeo termina sem que os militares tivessem conseguido transpor aquela pequena barreira solitária.

Apesar de aquele momento ter entrado para a História como um dos mais marcantes do século XX, o homem que enfrentou a coluna de tanques permaneceu anônimo e os relatos sobre o paradeiro dele carecem de comprovação. Assim como ocorreu com esse momento, a censura

HISTÓRIAS QUE NÃO SE APAGAM: A PROPAGAÇÃO DE EXPERIÊNCIAS INDIVIDUAIS NA INTERNET EM PROL DE LUTAS COLETIVAS

SILVA, D.M.R.

do regime comunista chinês tratou de eliminar os registros da matança e ainda se esforça para impedir que qualquer informação relativa aos protestos na Tiananmen circule internamente. Até hoje os dados sobre as vítimas do massacre são extremamente desconhecidos.

Pouco mais de duas décadas mais tarde, um vendedor de frutas e legumes do interior da Tunísia, um país sem relevância no cenário geopolítico, acabou desencadeando uma onda de contestação forte o bastante para derrubar ditadores que estavam no poder havia décadas. Em 17 de dezembro de 2010, Mohamed Bouazizi ateou fogo ao próprio corpo no centro da cidade de Sidi Bouzid depois de ter as mercadorias que levava consigo apreendidas. Como registrou depois a jornalista norte-americana Robin Wright:

O primo de Bouazizi postou um vídeo do protesto da família no YouTube. A Al Jazeera pegou e o exibiu em algumas horas, assim como outras redes via satélite independentes, antecipando-se à televisão controlada pelo Estado. Um advogado local que testemunhou a imolação de Bouazizi usou o Facebook, um dos poucos sites de vídeos não censurados, para mobilizar as pessoas para protestos mais amplos. As palavras se espalham rapidamente no Twitter. Em 24 horas, a primeira revolução “virtual” do mundo ressoou pela Tunísia.^{II}

Ao contrário do chinês desconhecido da Tiananmen, Bouazizi tinha uma história de vida com a qual jovens não só da Tunísia, como de outras partes, poderiam se identificar. E isso ocorreu, sobretudo, graças à rede mundial de computadores. Para o aparato do regime tunisiano, tornou-se impossível conter a transmissão daquelas imagens captadas por um pequeno telefone portátil. Elas foram compartilhadas em mensagens de vídeo, sites jornalísticos, fóruns de discussão, blogs e, sobretudo, nas redes sociais.

Os protestos que começaram em Sidi Bouzid se alastraram como fogo em um rastilho e explodiram na capital Túnis. Levou onze dias para que o presidente Zine El Abidine Ben Ali fosse visitar Bouazizi no hospital da cidade de Ben Arous. Esperava acalmar os manifestantes. O resultado foi o oposto. As imagens em que aparecia diante de um homem quase que totalmente envolto em ataduras serviram apenas para acirrar os ânimos. Bouazizi faleceu uma semana depois, no dia 4 de janeiro de 2011, aos 26 anos. Em um lapso de dez dias, pressionado por manifestações gigantescas e pelos militares, Ben Ali renunciou, fugindo para a Arábia Saudita, onde morreu no exílio em setembro de 2019.

Durante os protestos na Tunísia, fotos e relatos feitos por manifestantes iam parar em questão de minutos no monitor do computador de Rim Abida, uma tunisiana que vivia no Rio de Janeiro na época das revoltas. Em entrevista ao site norte-americano The Atlantic, Abida fala que as manifestações na Tunísia mudaram o significado do Facebook, que, na experiência pessoal dela, deixou de ser simplesmente um passatempo para se tornar uma poderosa ferramenta de informação direto da fonte.^{III} Abida fazia parte de uma extensa rede, que se ampliava com incrível velocidade. Eram pessoas marcando pontos de encontro, mostrando a posição dos protestos, onde estavam as forças de segurança, registrando abusos e convocando novos atos de resistência. A mobilização dos tunisianos estava sendo atentamente acompanhada em outros lugares, em tempo real.

O impacto das trocas de informações instantâneas se refletiu no interesse crescente dos egípcios pelos eventos na Tunísia, conforme as manifestações iam se intensificando. Blogs e páginas em redes sociais no Egito intercalavam as notícias nacionais com as últimas informações sobre o levante naquele país. O blogueiro Wael Abbas, um dos mais proeminentes do Egito, disse à rede de notícias do Catar Al-Jazeera:

HISTÓRIAS QUE NÃO SE APAGAM: A PROPAGAÇÃO DE EXPERIÊNCIAS INDIVIDUAIS NA INTERNET EM PROL DE LUTAS COLETIVAS

SILVA, D.M.R.

O que aconteceu na Tunísia enviou um ótimo sinal, até para mim. Eu tinha começado a perder a esperança de que uma mudança fosse acontecer com o nosso regime, que é um aliado dos Estados Unidos e apoiado por França, Alemanha, Itália e países como esses. Mas o fato de um ditador como Ben Ali ter sido removido pelo seu próprio povo - ele que também era apoiado pelos EUA, apoiado pela França - isso envia um sinal muito positivo ao resto do mundo.^{IV}

Egípcios seguiam o exemplo de Mohamed Bouazizi. A blogueira identificada como Zeinobia publicou no dia 18 de janeiro de 2011 em sua página “Egyptian Chronicles”, uma das mais lidas durante a revolta contra o ditador Hosni Mubarak, que quatro pessoas haviam se incendiado em dois dias.^V Mas antes mesmo do suicídio de Bouazizi, os egípcios já pediam justiça para uma vítima da covardia das forças repressoras a serviço de uma ditadura brutal.

A magnitude do movimento iniciado na Tunísia após o sacrifício do vendedor ambulante serviu de inspiração para aqueles que queriam dar maior visibilidade à história de Khaled Said. No dia 8 de junho de 2010, Said foi arrastado por policiais para fora de um cibercafé de Alexandria e espancado até a morte. Ele não portava arma e, de acordo com o registro dos investigadores, morreu por asfixia após tentar engolir o haxixe que estava em seu bolso. Mas a imagem do rosto desfigurado da vítima logo desmentiu os guardas. Um jovem executivo egípcio do Google que vivia nos Emirados Árabes Unidos, chocado com a violência sofrida por Khaled Said, decidiu criar a página no Facebook chamada *We are all Khaled Said* (Todos nós somos Khaled Said). A página reuniu milhares de seguidores a ponto de se transformar em um movimento do protesto.^{VI}

Cinco dias depois da queda de Ben Ali na Tunísia, Zeinobia usava seu blog para divulgar uma grande manifestação organizada pelo *We are all Khaled Said* que seria realizada em 25 de janeiro de 2011 no Cairo. A data não havia sido escolhida aleatoriamente: era o Dia Nacional da Polícia, que o ditador Hosni Mubarak alçara à condição de feriado nacional em 2009.

Agora em 2011 há um grande evento organizado pelo grupo ‘We are all Khaled Said’ e apoiado por outros partidos e grupos de oposição para esse dia e há imensas esperanças de que esse evento vá mudar o Egito para sempre, especialmente depois do que aconteceu na Tunísia.^{VII}

Os protestos contra a violência policial foram ganhando outras pautas. De acordo com o historiador Francisco Carlos Teixeira, em um mundo que sofria intensamente as consequências da crise mundial iniciada em 2008, “o estopim dos levantes em Túnis e Alexandria foi o desemprego, exasperado ante práticas corruptas e cleptocráticas das ditaduras no poder.”^{VIII} A Praça Tahrir, no Cairo, foi o ponto de confluência de centenas de milhares de pessoas, sendo que muitas acamparam para impedir que a polícia tomasse o local. A resistência popular foi transmitida pelas principais redes internacionais de televisão. Mesmo assim, um elemento a ser destacado naquele movimento, no da Tunísia e em outros protestos das duas primeiras décadas do século XXI era o fato de que muitas informações importantes e imagens de impacto não provinham da cobertura dos experientes jornalistas mobilizados pela grande mídia. Elas eram veiculadas graças à atuação de “jovens munidos de sistemas de telefonia móvel – bem mais do que microcomputadores ou iPads caros – que permitem o envio ‘grátis’ de ‘torpedos’ ou mensagens, sem uma conta subsequente a pagar.”^{IX} Em vez de amedrontar, a violência que tentava calar os participantes apenas insuflava os protestos. Já com a saúde fragilizada, Mohammad Hosni Said Mubarak contava com um apoio interno cada vez menor e, externamente, tinha sido abandonado pelas potências que um dia haviam servido de suporte para seu governo autoritário. O caminho inevitável era a renúncia, que veio no dia 11 de fevereiro de 2011, pondo fim a quase 30 anos de poder absoluto.

HISTÓRIAS QUE NÃO SE APAGAM: A PROPAGAÇÃO DE EXPERIÊNCIAS INDIVIDUAIS NA INTERNET EM PROL DE LUTAS COLETIVAS

SILVA, D.M.R.

As manifestações foram se espalhando pelo Norte da África e pelo Oriente Médio em países que em comum tinham históricos de décadas de autoritarismo, em meio a um contexto de supressão das liberdades individuais, corrupção no poder público, desigualdade social e falta de perspectiva dos jovens. E histórias compartilhadas, como a do tunisiano Bouazizi e do egípcio Said causaram tamanha comoção que serviram de combustível para as revoltas. Um jovem no Bahrein ou na Líbia poderia imediatamente identificar elementos de sua própria realidade nas vividas por essas vítimas da opressão. A troca de histórias, experiências e ideias on-line permitiu a interação também off-line na Tahrir e nas ruas de Túnis, Aleppo, Manama ou Argel.

Choque de realidade

Quatro ditadores árabes foram destronados em pouco mais de um ano. Depois de Ben Ali e Mubarak vieram o líbio Muamar Kadafi, oito meses mais tarde, e o iemenita Ali Abdullah Saleh, em 2012. As redes de televisão via satélite exibiam os fogos de artifício em uma Praça Tahrir lotada. A comemoração vista em Túnis se repetia no Cairo e nas ruas de Trípoli e Sana'a. Um novo amanhã já podia ser vislumbrado. O sonho democrático no Egito tinha inclusive data para se concretizar: 23 de maio de 2012. Seria a primeira vez que o povo escolheria o líder dessa nação milenar. Na Síria, fartos de terem seus protestos pacíficos esmagados brutalmente pelas forças leais a Assad, civis decidiram pegar em armas para retirar o ditador à força. Eles se juntaram a militares desertores para formar o Exército Livre da Síria. Em grandes cidades como Dar'a, Homs e Aleppo, a bandeira nacional adotada pelo Partido Ba'ath dava lugar à da independência de 1932. Em algum momento da rebelião, Assad parecia estar por um triz. Mas algo deu errado no caminho.

Apesar dos movimentos de contestação popular sem precedentes que tomaram conta de diversas nações e derrubaram ditadores que pareciam inabaláveis, os antigos regimes conseguiram reconstituir as suas bases, ou pior, guerras fratricidas eclodiram. A oposição a Bashar al-Assad na Síria, mergulhou o país em uma guerra civil que causou a maior catástrofe humanitária deste século. No Egito, os militares derrubaram o presidente democraticamente eleito Mohamed Morsi em 2013 e o substituíram por Abul Fatah al-Sisi, que hoje governa de forma tão ou mais autoritária do que Mubarak. Enquanto isso, os tunisianos tiveram um êxito relativo depois da destituição de Ben Ali. Porém, a sensação de impunidade fez com que a esperança desse lugar à desilusão.

Muitos se perguntam o que pode ter saído errado. E é possível apontar alguns fatores que podem ter contribuído para o que seria um desfecho inesperado, pelo menos para muitos daqueles que ajudaram a tomar as ruas e praças de algumas das principais cidades do Norte da África e do Oriente Médio.

Batalha nas redes

O registro do sociólogo iraniano-americano Asef Bayat, que acompanhou pessoalmente as manifestações na Praça Tahrir, ilustra como as exigências cresciam como uma bola de neve no dia da primeira grande manifestação no Cairo:

Enquanto realizavam encontros em 25 de janeiro para decidir como proceder, alguns manifestantes pediam “Aumento do salário mínimo”; “Demita o ministro do Interior”; e “Acabe com o Estado de Emergência”. Às 13:45, a multidão gritava “Liberdade!”; por volta das 15h, quando os protestos tinham se espalhado por todas as províncias, os pedidos de *erhal* (saia) podiam ser ouvidos. Apenas naquele momento os protagonistas percebem que algo

HISTÓRIAS QUE NÃO SE APAGAM: A PROPAGAÇÃO DE EXPERIÊNCIAS INDIVIDUAIS NA INTERNET EM PROL DE LUTAS COLETIVAS

SILVA, D.M.R.

extraordinário estava acontecendo – “Está acontecendo, cacete!”; era algo que eles nunca tinham previsto e que era terrivelmente difícil de administrar.^X

Os levantes árabes ocorreram com incrível rapidez, sem uma sólida base intelectual que projetasse uma agenda política com mudanças profundas. Com isso, as mobilizações perderam força da mesma forma como se formaram e causaram a queda de tiranos. Uma das explicações estaria na apresentada em 2001 por Manuel Castells acerca do real poder de mobilização da rede mundial de computadores. Castells afirmou que a Internet não parecia ser capaz de aprofundar os laços entre indivíduos fazendo com que os contatos on-line evoluíssem para sólidas relações face a face. Embora acreditasse que a capacidade de integração de diferentes esferas da sociedade por parte de movimentos virtuais não fosse desprezível, Castells considerou que tais iniciativas não eram duradouras.

São fontes de informação, de trabalho, de desempenho, de comunicação, de envolvimento cívico e de divertimento. Aqui, mais uma vez, esses laços fracos são em sua maioria independentes de proximidade espacial e precisam ser mediados por algum meio de comunicação.^{XI}

As redes sociais foram capazes de unir fisicamente os manifestantes de uma forma poucas vezes vista. Mas as comunidades virtuais não teriam conseguido fazer com que divisões ideológicas fossem superadas. Para Castells, o ciberespaço havia se convertido em “uma ágora eletrônica global em que a diversidade da divergência humana explode em uma cacofonia de sotaques.” Ou seja, todos se ouvem, mas ninguém se entende.

A suposta superficialidade do contato via Internet torna mais difícil a discussão e elaboração de um amplo projeto político que crie as condições para o estabelecimento de um novo sistema. Os manifestantes foram alvos relativamente fáceis de grupos oportunistas, que pegaram carona nos protestos. Talvez o exemplo mais flagrante de *free rider* seja o da Irmandade Muçulmana, que hesitou em aderir ao movimento no Egito, mas que aos poucos se apoderou dele como uma organização mais bem estruturada para assumir o poder. De acordo com Bayat, o próprio criador do *We are Khaled Said*, Wael Ghonim, usava jargões do mundo corporativo como se estivesse vendendo a ideia de uma revolução que ele não tinha a mínima ideia de como levar adiante. Ghonim se descreve para Asef Bayat como “apenas um cara com alguma experiência em marketing que criou uma página no Facebook” que cresceu para algo além do esperado.^{XII} A partir dessa percepção, Bayat cunha o termo “Revolução” para se referir aos levantes de 2010/11.

Bayat traça um paralelo entre as revoltas árabes do início deste século e outras ocorridas no Oriente Médio durante a Guerra Fria, principalmente a Revolução Islâmica de 1979 no Irã. O sociólogo promove o cruzamento desses eventos de diferentes épocas, analisando os distintos contextos em que ocorreram. De acordo com ele, enquanto os marxistas, maoístas e islamistas dos anos 1970 e 1980 tinham como alvo a ordem institucional vigente, os anseios dos insurgentes árabes da segunda década do século XXI eram por mais justiça social e dignidade, por melhores condições de vida e por mais oportunidades. Portanto, queriam uma “Revolução”, que mesmo almejando derrubar um regime despótico, não exigia mais do que reformas que incluíssem aqueles que estavam à margem do sistema, e não o fim deste. Como o perfil de Wael Ghonim sugere, muitos dos envolvidos nas manifestações exigiam transformações que se encaixavam em um projeto neoliberal, muito diferente da ideia de rompimento, de quebra, presente na Revolução Iraniana. Outra parte exigia mais oportunidades diante da queda cada vez mais acentuada da qualidade de vida das classes desfavorecidas. Por esse motivo, um dos lemas mais entoados pelos manifestantes em vários países era “Pão, Liberdade e Justiça Social”.

HISTÓRIAS QUE NÃO SE APAGAM: A PROPAGAÇÃO DE EXPERIÊNCIAS INDIVIDUAIS NA INTERNET EM PROL DE LUTAS COLETIVAS

SILVA, D.M.R.

Os governos, em um primeiro momento, tentaram o método mais tradicional de coerção, criando barreiras policiais nos principais pontos de concentração de manifestantes. Isso se mostrou ineficaz diante da rapidez com que mobilizações eram organizadas e desfeitas através de trocas de mensagens instantâneas, que apontavam a localização dos bloqueios. As autoridades custaram a entender que tão importante quanto a atuação das forças de segurança seria estabelecer medidas para controlar a Internet. Como explicou a socióloga turca Zeynep Tüfekçi, quando o regime de Mubarak cortou a Internet e as comunicações por telefonia móvel, em janeiro de 2011, uma multidão já ocupava a Praça Tahrir. Na visão dela, tal iniciativa “alertou pessoas que pudessem não ter consciência para o tamanho da ameaça que o protesto representava para o governo.” Além disso, de acordo com Tüfekçi, a falta de conectividade virtual fez com que ficasse mais difícil para os egípcios aguardar a marcha dos acontecimentos em casa, o que levou muitos a sair.^{XIII} Uma opção seria atuar de forma “cirúrgica” desenvolvendo ferramentas para rastrear e interferir em comunidades de ciberativistas. Tüfekçi explica o fracasso desse tipo de ação fazendo referência à *Cute Cat Theory*, o que em tradução livre seria algo como a Teoria do Gatinho Fofa, desenvolvida pelo especialista em Internet de Harvard Ethan Zuckerman. Este ressaltou que discussões políticas acaloradas também ocorrem em inocentes grupos criados em aplicativos de mensagens instantâneas ou até em comunidades de redes sociais destinadas a amenidades, como gatinhos fofos. As comunidades menos restritas, com dezenas de milhares de membros, e aparentemente apolíticas são quase impossíveis de controlar. O caminho não seria tentar barrar a comunicação, mas se integrar a ela.

Depois de muitas tentativas frustradas, os tiranos enfim aprenderam a tirar benefício da Internet. As mesmas redes sociais que governos autoritários tinham tentado calar passaram a servir como ferramentas indispensáveis para a propagação de notícias falsas que pudessem beneficiar os regimes e manchar a reputação de opositores. Passado algum tempo do auge das revoltas nos países árabes, Zeynep Tüfekçi voltou a conversar com alguns ativistas. Um tunisiano se queixou de que as *fake news* que atingiam dissidentes tinham se tornado virais, enquanto um blogger egípcio disse: “As redes sociais são sempre destacadas por seu papel na Primavera Árabe, especialmente na Revolução Egípcia. Bem, acredito que seja o momento de o mundo saber que as redes sociais também estão destruindo a Primavera Árabe.”^{XIV}

Fim?

Com o início do século XX veio a grande crise econômica de 2008 e suas consequências sociais, principalmente para os mais jovens. Os altos índices de desemprego e a falta de perspectiva deram lugar a uma onda de descontentamento poucas vezes vista na Humanidade. As revoltas não se restringiram apenas aos países árabes, elas atingiram todos os cantos do globo, passando pelos Indignados da Espanha, pelo *Occupy Wall Street* norte-americano, ou as Revoltas dos Guarda-Chuvas em Hong Kong e as manifestações no Brasil.

Cabe a historiadores, cientistas sociais, antropólogos, cientistas políticos e outros especialistas buscar entender a avalanche de rebeliões que neste momento parece estar voltando a ganhar força em meio a uma nova crise provocada pela pandemia do novo coronavírus, que até o dia 31 de janeiro de 2020 havia tirado a vida de mais de 2,2 milhões de pessoas globalmente.^{XV} Ao falar sobre a dificuldade em analisarmos o tempo presente com o devido distanciamento, o historiador britânico Eric Hobsbawm indica que “é provável que não existam mais de meia dúzia de datas que são marcos simultâneos nas distintas histórias de todas as regiões do mundo.”^{XVI} Levará algum tempo para se ter uma real noção das mudanças suscitadas pelas mobilizações planetárias do início deste novo século. Contudo, é importante ressaltar que

HISTÓRIAS QUE NÃO SE APAGAM: A PROPAGAÇÃO DE EXPERIÊNCIAS INDIVIDUAIS NA INTERNET EM PROL DE LUTAS COLETIVAS

SILVA, D.M.R.

o papel desempenhado pelas novas tecnologias no modo como as informações são consumidas e interpretadas tem potencial para alterar significativamente a percepção dos marcos simultâneos aos quais Hobsbawm fez referência.

Ao refletir acerca dos movimentos nascidos na Internet na esteira da crise econômica de 2008/2009 que ganharam as ruas - incluindo os levantes em nações árabes -, Manuel Castells apresentou uma visão mais otimista em relação à capacidade das mobilizações geradas no universo virtual reverberarem também nas ruas:

Esses movimentos sociais em rede são novos tipos de movimento democrático – de movimentos que estão reconstruindo a esfera pública no espaço de autonomia constituído em torno da interação entre localidades e redes da internet, fazendo experiências com as tomadas de decisão baseadas em assembleias e reconstituindo a confiança como alicerce da interação humana.^{XVII}

A imolação de um vendedor ambulante do interior precipitou o presidente da Tunísia em uma questão de semanas. O movimento tunisiano serviu como estímulo para jovens egípcios, que se engajaram em manifestações que terminaram com a derrubada do “faraó” Hosni Mubarak. As revoltas se espalharam da África para o Oriente Médio e inspiraram o mundo. “Todos nós somos” Mohamed Bouazizi, Khaled Said, ou ainda “Je suis Charlie Hebdo”, como resposta dada ao massacre de jornalistas do periódico satírico francês em 2015, e o perfil no Facebook da vereadora do Rio de Janeiro Marielle Franco (“Eu sou porque nós somos”), assassinada em 2018, que atualmente conta com mais de 200 mil seguidores nessa rede social.^{XVIII} Muitos dos perfis criados para lembrar esses indivíduos continuam ativos. São mantidos não apenas como homenagens, mas também como meios de alertar, denunciar, expor crimes e violações dos Direitos Humanos.

A cada momento surgem novas formas de mobilização popular nas redes sociais. As *hashtags*, termo em inglês para designar palavras-chave usadas como referência na rede social Twitter, são hoje símbolos e até lemas de movimentos cívicos, como a #jan25, para os protestos na Tahrir; a #occupywallstreet, contra os abusos do sistema financeiro norte-americano; ou a #mariellelive, para lembrar a morte de Marielle Franco. O caso mais recente até a elaboração deste artigo é a #blacklivesmatter, do movimento surgido em 2013 para denunciar a violência policial contra a comunidade afro-americana nos Estados Unidos. Novamente, casos individuais serviram para suscitar consternação. Com frequência os nomes de dezenas de vítimas da brutalidade da polícia são citados em atos populares. Antes de morrer estrangulado até a morte em 2014 por policiais brancos, Eric Garner gritou *I can't breathe* (Eu não consigo respirar). Essa súplica virou uma das frases do movimento. O *Black Lives Matter*, ou Vidas Negras Importam, desencadeou enormes protestos que tomaram as principais cidades dos Estados Unidos e é mencionado por muitos especialistas como o principal eixo de mobilização do eleitorado negro norte-americano para a eleição presidencial de 2020, em que o presidente republicano Donald Trump, incapaz de repudiar com veemência o racismo sistêmico em seu país, teve a tentativa de se reeleger frustrada pelo democrata Joe Biden.

As novas tecnologias da comunicação podem e devem ser usadas para promover o fortalecimento das lutas em defesa dos direitos civis e a coesão em torno de metas comuns. Os avanços no aprofundamento dos laços gerados pelos contatos on-line são indiscutíveis. A derrota eleitoral de Trump e a queda de ditaduras árabes deveriam ser vistas também como consequências do alcance dos movimentos sociais que se originam e se desenvolvem na Internet ou que ao menos se expandem através dela. Nada mais benéfico para regimes opressores do que cidadãos isolados, solitários. A disseminação de redes globais no espaço virtual permite o desenvolvimento de relações que as autoridades dificilmente conseguirão controlar e torna possível o reforço de identidades de gênero, política, religiosa e/ou étnica. Essas conexões são

HISTÓRIAS QUE NÃO SE APAGAM: A PROPAGAÇÃO DE EXPERIÊNCIAS INDIVIDUAIS NA INTERNET EM PROL DE LUTAS COLETIVAS

SILVA, D.M.R.

vitais principalmente em nações em que determinados comportamentos são tratados com desdém, preconceito ou mesmo censurados. A ágora virtual em que a Internet se transformou proporciona um espaço de troca de experiências que faz o indivíduo não se sentir sozinho. Ela permite reforçar a noção de que, independentemente da distância física, há pessoas que compartilham as mesmas frustrações, medos e objetivos na vida. E essa sensação de ser parte integrante de algo maior já é um bom estímulo para a luta coletiva.

Notas:

^I Vídeo disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=YeFzeNAHEhU>

^{II} WRIGHT, Robin. Rock the Casbah: Rage and Rebellion across the Islamic World. Simon & Schuster Paperbacks. Nova York: 2011. Pág. 16.

^{III} MADRIGAL, Alexis C. The inside story of how Facebook responded to tunisian hacks. The Atlantic, 2011. Disponível em: <https://www.theatlantic.com/technology/archive/2011/01/the-inside-story-of-how-facebook-responded-to-tunisian-hacks/70044/> Acesso em: 12 de setembro de 2020.

^{IV} Vídeo disponível em: <http://misrdigital.blogspot.com/archive/2011/01/22/on-riz-khan-with-sami-and-naser.html> Acesso em: 28 de setembro de 2020.

^V ZEINOBIA. Another 3 egyptians to set themselves on fire in the last 24 hours!! Egyptian Chronicles, 2011. Disponível em: <https://egyptianchronicles.blogspot.com/2011/01/another-3-egyptians-to-set-themselves.html> Acesso em: 28 de setembro de 2020.

^{VI} Embora o perfil criado por Wael Ghonim em homenagem a Khaled Said tenha sido removido, existem outras comunidades no Facebook em memória de Said (<https://www.facebook.com/elshaheed.co.uk/>), assim como do tunisiano Mohamed Bouazizi (<https://www.facebook.com/mohammed.bouazizi/>) Acessos entre março e novembro de 2020.

^{VII} ZEINOBIA. Will 25th of January be a remarkable day in our history?? Egyptian Chronicles, 2011. Disponível em: <https://egyptianchronicles.blogspot.com/search/label/%23Jan25?updated-max=2011-01-24T14:25:00%2B02:00&max-results=20&start=420&by-date=false> Acesso em: 28 de setembro de 2020.

^{VIII} SILVA, Francisco T. Jovens indignados e rebeldes. In: MAYNARD, Andreza, MAYNARD, Dilton. Visões do Mundo Contemporâneo, v.2. São Paulo, LP Books, 2013. Pág. 31.

^{IX} Ibid. Pág. 19.

^X BAYAT, Asef. Revolution without Revolutionaries: making sense of the Arab Spring. Stanford: Stanford University Press, 2017. Pág. 162.

^{XI} CASTELLS, Manuel. A Galáxia Internet: reflexões sobre a Internet, os negócios e a sociedade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003. Pág. 132.

^{XII} FRANCO, Marielle. <https://www.facebook.com/MarielleFrancoPSOL> Acesso em: 13 de novembro de 2020.

^{XIII} TÜFEKÇI, Zeynep. Twitter and Tear Gas: the power and fragility of networked protest. New Haven: Yale University Press, 2017. Pág. 226.

^{XIV} TÜFEKÇI, Zeynep. Twitter and Tear Gas: the power and fragility of networked protest. New Haven: Yale University Press, 2017. Pág. 266.

^{XV} JOHNS HOPKINS UNIVERSITY. Coronavirus Resource Center. Disponível em: <https://coronavirus.jhu.edu/map.html> Acesso em: 31 de janeiro de 2021.

^{XVI} Ibid. Pág. 244.

^{XVII} CASTELLS, Manuel. Redes de Indignação e Esperança: movimentos sociais na era da internet. Rio de Janeiro: Zahar, 2011. Pág. 244.

^{XVIII} BAYAT, Asef. Revolution without Revolutionaries: making sense of the Arab Spring. Stanford: Stanford University Press, 2017. Pág. 164.

Referências Bibliográficas:

BAYAT, Asef. Revolution without Revolutionaries: making sense of the Arab Spring. Stanford: Stanford University Press, 2017;

BEININ, Joel, VAIREL, Frédéric. Social Movements, Mobilization and Contestation in the Middle East and North Africa. Second Edition. Stanford: Stanford University Press, 2013;

HISTÓRIAS QUE NÃO SE APAGAM: A PROPAGAÇÃO DE EXPERIÊNCIAS INDIVIDUAIS
NA INTERNET EM PROL DE LUTAS COLETIVAS

SILVA, D.M.R.

CASTELLS, Manuel. A Galáxia Internet: reflexões sobre a Internet, os negócios e a sociedade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003;

_____. Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da internet. Rio de Janeiro: Zahar, 2011;

DARNTON, Robert. O beijo de Lamourette: mídia, cultura e revolução. Companhia das Letras, 2010;

HOBSBAWM, Eric. O presente como história. In: Sobre História. São Paulo, Cia das Letras, 1998.p.243-254;

SILVA, Francisco T. Jovens, indignados e rebeldes. In: MAYNARD, Andreza, MAYNARD, Dilton. Visões do Mundo Contemporâneo, v.2. São Paulo, LP Books, 2013. p.9-48;

TÜFEKÇI, Zeynep. Twitter and Tear Gas: the power and fragility of networked protest. New Haven: Yale University Press, 2017.